



O PAPEL DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E DA IDENTIDADE JUVENIL NA CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES DE SENTIDO

Tatiana Verônica Bezerra Galvão¹

Resumo: As transformações sociais alteraram o modo pelo qual os jovens se colocam diante do mundo. As culturas juvenis urbanas trazem à tona um quadro plural e conflituoso da sociedade e difundem estilos centrados no consumo de produtos identificados com a cultura juvenil. Dentro desse quadro, manifesta-se uma nova configuração de identidade que busca referências geograficamente distantes, mas próximas em interesses. Mesmo o hip hop, identidade cultural principalmente de jovens moradores de periferia, foi inserido numa rede de comunicação de massa que atua como uma nova referência para a construção de uma identidade global e inter-territorial. Ao reivindicar o direito à diferença, ele tem evidenciado que a pretensão à identidade na sociedade contemporânea vai além das narrativas originárias para ser partilhada por meio do consumo em territórios simbólicos.

Palavras-chaves: Cultura; Juventude; Identidade; Hip Hop

A globalização trouxe consigo transformações significativas para a sociedade contemporânea. Fatores como a mundialização, o desenvolvimento tecnológico e a globalização de mercados causaram impacto nas sociedades, principalmente em suas bases de sustentação e equilíbrio. As grandes narrativas, as instituições tradicionais e todo o conjunto estável de valores foram substituídos pela volatilidade e efemeridade que atingiram todos os âmbitos desde as relações humanas. Na atual reconfiguração social, instituições se desmaterializam, crenças e tradições ganham flexibilidade e se modificam com grande velocidade.

Os símbolos e as práticas sociais valorizados no passado são constantemente examinados e reformados com base nas novas informações recebidas por meio de interconexões que ligam sociedades por todo o globo. Num processo sem fim de rupturas e fragmentações, as transformações que nascem em uma parte, rapidamente se fazem sentir também em todas as demais.

¹ Mestranda em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ – ECO/RJ ; e-mail: tati.galvao@globocom.com

As tensões e contradições entre global e local, bem como a crise do papel do Estado levou à perda das utopias e à desconstrução das grandes narrativas envolvendo a unidade nacional e, em âmbito local, a unidade da cidade. Longe da idéia mítica, defendida desde o início do século XX, do Brasil como uma sociedade integrada e sem conflitos raciais, a nova configuração política e social, trouxe à tona a complexidade dos centros urbanos, marcados pela polifonia, heterogeneidade, contrastes e embates de classe.

Na verdade, parte integrante dessa cidade, a periferia com seus moradores, suas vielas, seus barracos, suas ruas estreitas e tudo aquilo que faz parte de seu cotidiano foi encarada, durante muito tempo, como algo a ser escondido ou ignorado.

O espaço social, no Brasil, mais do que o geográfico, é claramente demarcado no Rio e em outras cidades brasileiras. As praias e os prazeres que proporcionam são considerados patrimônios da classe média da Zona Sul e dos turistas. (YUDICE,1997, p.38)

Sim, a existência de uma diversidade nunca garantiu que todos os moradores da cidade, de fato, tivessem acesso a ela. O que se observa é a tendência de confinamento dos moradores da periferia dentro dos limites de seus próprios bairros, onde constroem sua própria realidade e patrimônio, diferentes do que é oficialmente legitimado ou constituído para a classe média com a cumplicidade do Estado.

O novo cenário social e urbano

Se a imagem utópica da cidade unificada já não é possível, agora, fica mais claro do que nunca que a paisagem urbana não se limita aos bairros. Ela se tornou um espaço no qual outras cidades se multiplicam e se expandem geograficamente, simbólica, imaginária e culturalmente. Falando a respeito dessas novas cidades, Gomes ainda acrescenta:

Mudam-se os usos do espaço urbano ao passar das cidades centralizadas às cidades multifocais, policêntricas, onde se desenvolvem novos centros e se redefinem as noções de espaço, de lugar, construindo-se novas territorialidades, fenômeno estreitamente vinculado à heterogeneidade, com toda certeza marca da vida urbana. (GOMES, 2004;214)

Dessa forma, enquanto as grandes narrativas perdem a eficácia, ganham prestígio os movimentos sociais urbanos, as ações fragmentárias e fugazes. Um processo que passa a gerar incerteza existencial no indivíduo. As transformações que afetaram as sociedades

contemporâneas acabaram por retirar dele a estabilidade que as antigas narrativas, tradições e estruturas lhes dava. A partir da internalização dessas identidades culturais construídas ao longo do tempo o sujeito alinhavava seus sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupava no mundo social e cultural.

Entretanto, à medida que a globalização dissolveu as fronteiras e comprimiu as distâncias, interligando nações em todo o planeta, abriu-se a possibilidade para que as culturas nacionais ficassem mais expostas a influências externas, possibilitando compartilharem tradições específicas e identidades, mesmo que isso leve a conflitos entre o global e o local. O fato é que, dessa maneira, passamos a assistir a uma nova concepção do sujeito individual que já não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. Antes, sua identidade é construída e reconstruída a todo momento.

Mas, não só assistimos ao surgimento de um novo sujeito, como presenciamos as desigualdades geradas por uma globalização que modifica também o cenário urbano contemporâneo. Distribuída de forma desigual por todo o globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões, observa-se o crescimento acelerado de pobres, excluídos e marginalizados crescentemente reunidos em cidades cada vez maiores e numerosas. Esses, como parte dos setores sociais marginalizados, vão disputar o Território simbólico em que se exerce poder, na luta pelo seu reconhecimento dentro da cartografia da cidade.

A crise das instituições tradicionais, a queda do prestígio do Estado pelo não-cumprimento de suas promessas e pela perda de sua eficácia simbólica como ordenador da sociedade abriu um espaço que vem sendo aproveitado mais do que qualquer outro grupo pelos jovens, que têm encontrado oportunidades de enriquecer as identidades sociais e culturais das sociedades. Até porque o impacto dessas mudanças ou mutações nas sociedades tem atingido principalmente os jovens que nelas vivem.

Narrando a juventude

Assim como outras narrativas, a juventude também surgiu como construção ideológica onde foram forjadas muitas das suas representações contemporâneas. Nas sociedades ocidentais contemporâneas foram forjadas muitas de suas representações, inclusive como momento-chave de transição situado entre a dependência da infância e a suposta maturidade e independência dos adultos.

Entretanto, com o passar do tempo, as mudanças culturais e políticas começaram a questionar a validade dessas conceitualizações e de sua utilidade em relação à experiência de crescimento dos jovens ou sua transição para a vida adulta. Principalmente porque a transição para a vida adulta já não se dava dentro dos moldes idealizados e os jovens começaram a buscar outros caminhos fora dos tradicionais para ingressar ou retardar seu ingresso na vida adulta.

Nos anos 80, em decorrência de mudanças sócio-econômicas significativas, do crescente desemprego entre os jovens, das cada vez mais complexas culturas globais e formas tecnológicas, muitos estudos sobre a juventude passaram a questionar algumas das hipóteses fundamentais sobre relações entre culturas, identidades, estruturas e representações. Muitos pesquisadores de juventude mudaram seu foco e a noção de cidadania passou a ser usada para se referir à inclusão ou exclusão, na sociedade adulta com seus direitos e responsabilidades associados. O conceito de cidadania vai permitir representar certos jovens como posicionados à margem da cidadania, ou excluídos como um todo. (GRIFFIN,1997)

Na América Latina, o contexto político da década de 80 deu uma maior visibilidade a esses jovens não só pelo envolvimento nas lutas pela democratização, mas também porque aquele momento ofereceu terreno fértil para que se organizassem em torno de movimentos culturais e sociais que reclamavam o direito à diferença. Vai ser por meio desses movimentos culturais, especialmente da música, nascidos na periferia, que jovens das classes menos favorecidas passam a ter voz num tipo de participação política completamente diferente daquele que caracterizou as gerações culturais dos anos 50, 60 e 70. Sposito vai considerar que

O caráter emergente dessa nova agregação dos interesses e da sociabilidade juvenil no âmbito da cidade, muito mais ligada a formas expressivas, resistentes a certa racionalidade instrumental inerente ao mundo da política institucional, abre para um novo campo de conflitos e de ações que poderão, de certo modo, contribuir para uma reinvenção da esfera pública, na esteira dos movimentos sociais observados a partir dos anos 1970 na sociedade brasileira. (SPOSITO, 2003;71)

Um dos exemplos mais bem sucedidos tem sido o hip hop. Ele surge no Brasil na década de 80, firmando-se com um conjunto de propostas estéticas e políticas construídas a partir da periferia e voltadas para a reflexão da realidade de miséria e exclusão social a que está submetida e por tanto tempo sem voz ativa. A proposta é fazer ecoar o

descontentamento diante da exclusão econômica, educacional e racial a que muitos são submetidos por meio de produções artísticas que têm a periferia e seus problemas como protagonistas.

Além de recusar estigmas como marginalidade e violência, o hip hop acredita e investe na informação como caminho para uma vida mais significativa. Por isso ele tem investido num processo de organização tal que permite o desenvolvimento e a realização de vários projetos sociais de cunho educativo.

Entretanto, mesmo na periferia, e nesse caso não apenas a geográfica, mas também a cultural, o hip hop extrapolou os limites de sua origem para entrar na trama urbana como uma das mais importantes expressões culturais da atualidade, constituindo-se também diferencial de estilo e gosto musical. A partir de então, a periferia deixa a sombra dos grandes centros para se fazer presente na sociedade.

O hip hop busca, especificamente, atuar e interferir no cenário social sem estar atrelado à arena política tradicional. Esses jovens buscam novos caminhos no âmbito da cultura. Por isso seu engajamento está tão presente em seus discursos e na arte que produzem. É um outro modo de fazer política e de se construir cidadania que já não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais. (CANCLINI, 2000)

Dessa forma, a cultura já não pode ser reduzida a categorias estéticas e passa a ser um canal de expressão política e social. Conforme Prysthon afirma:

As formas culturais, em especial as juvenis, produzidas na contemporaneidade se adaptam ao declínio da arte tradicional e das hierarquias marcadas entre os diversos tipos de cultura. Em um certo sentido, o contemporâneo pode ser definido como a superação radical do esquema alta cultura x baixa cultura – não uma inversão -, na medida em que vemos aparecer essas novas políticas da diferença e da subalternidade. (PRYTHON, 2005;106)

Assim, a juventude surge como signo de novas reivindicações e os jovens como atores sociais e portadores de novas identidades coletivas.

A busca pela legitimação nos espaços urbanos

Se com a globalização o espaço geográfico ganhou novos contornos, novas características e novas definições, a configuração urbana também passou por uma transformação. A cidade passa a ser percebida como espaços segregados por caminhos que

se diferenciam e se antagonizam. Com a proliferação de fenômenos culturais dentro desse espaço que trazem à tona a periferia é que se estabelecerão novas bases de negociação. Nessas negociações da cultura contemporânea os principais atores da cultura urbana são os jovens, o segmento mais expressivo de consumidores e produtores de cultura.

Com a profusão de estilos e a busca da diferenciação, próprios dos centros urbanos, torna-se cada vez mais difícil conceber uma idéia de unidade ou uniformidade. Por isso, um dos objetivos daqueles envolvidos com o hip hop é buscar o reconhecimento como legítimos moradores da cidade. Ao fazer uso do conhecimento de sua própria realidade, esses jovens buscam ampliar as áreas de movimentação e circulação dentro dessa cidade. (DIOGENES, 1998).

Essa questão traz à tona uma nova concepção de inserção baseada no desejo de incorporação a uma nova forma de cidadania. Segundo Canclini (2005), as referências para uma nova concepção de cidadania estão relacionadas ao surgimento de comunidades desvinculadas de lugares, histórias e tradições. Na sociedade globalizada, é o consumo e uma rede de comunicação de massa que servem como novos referentes para uma possível cidadania global e inter-territorial.

Para entender essa concepção de consumo é importante lembrar que na sociedade contemporânea as relações sociais são construídas a partir da disputa em relação à apropriação dos meios capazes de servir como lugar de diferenciação e distinção entre as classes e grupos. “A lógica que rege a apropriação dos bens como objetos de distinção não é a da satisfação de necessidades, mas sim a da escassez desses bens e da impossibilidade de que outros os possuam” (CANCLINI, 2005, p.63).

Dentro dessa lógica, os jovens representam o segmento mais expressivo no consumo dos bens simbólicos, produzidos e reproduzidos pela cultura de massa. No caso dos jovens moradores da periferia, eles ultrapassam os limites do bairro a que pertencem para legitimar-se dentro de uma estética global juvenil, oficializando sua existência. Para eles o consumo pode significar uma forma de protesto e expressão de certos direitos elementares capazes de possibilitar uma vida mais digna.

No entanto, eles não só buscam essa legitimação, mas também contribuem para a profusão de um estilo, conscientemente construído, que serve para distingui-los dos demais ou de um padrão estabelecido.

Ao atravessar as fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações, a globalização possibilita o trânsito livre de fluxos culturais entre as sociedades que deixam de se enquadrar na concepção de sistemas fechados. As novas tecnologias vão acentuar ainda mais essas trocas simbólicas, produzindo novas formas de identificação e possibilitando o compartilhamento de identidades para aqueles consumidores dos mesmos bens (HALL, 2003). Assim, um jovem que mora em determinado país, que tenha acesso a uma diversidade de produtos e à informação mundializada, tem a possibilidade de se reconhecer com jovens de diferentes países, e ao mesmo tempo, sentir-se diferente dos demais.

Desterritorialização e formação de novas comunidades

O processo de interconexão entre nações distantes entre si possibilitada pelas novas tecnologias acabou por alterar o modo como o indivíduo lida com a noção de espaço. Com o encurtamento das distâncias a própria noção de espaço passa ser reformulada para além da noção geográfica. Por isso, as sociedades passaram a viver um processo de desterritorialização alterada pela nova configuração de espaço e conduzida pelas novas tecnologias.

Conseqüentemente, essa transformação passa a afetar também a forma pela qual o indivíduo se coloca diante do mundo e constrói sua noção de pertencimento territorial. Uma noção que não é a mesma porque o processo de integração e transmissão de conhecimento já não se dá unicamente pelas instituições tradicionais como Estado e família.

Na sociedade atual é necessário reconhecer as novas formas de relacionamento com o espaço e os novos processos de construção de identidade que vão além de um compromisso com o discurso oficial e passam a buscar referências geograficamente distantes, mas próximas em interesses, sentimentos e afetos em comum. O Território aqui deixa de ser o físico para ser o cultural onde pessoas se reúnem em torno de um espírito comum, elemento característicos das comunidades.

Embora o conceito de comunidade mais conhecido ou usual seja aquele ligado a um espaço geográfico determinado e a relações diretas com certas tradições, Paiva (2003) vai trazer à atenção a mobilidade do conceito de comunidade, passando por várias interpretações ao longo do tempo e por isso apresentando diferenças conceituais. Na

sociedade atual, o reconhecimento de novas formas de se relacionar com o espaço leva à implementação de outras abordagens de comunidade. Essas novas formas de entendimento de comunidade têm em comum a busca pela unidade capaz de servir como referência de sentido a um grupo.

Ao analisar esse tipo de fenômeno na cultura contemporânea, Janotti (2003) trabalha com o conceito de comunidades de sentido:

Agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, por meio de processos midiáticos que utilizam referências globais da cultura atual. (JANOTTI,2003;119)

Assim, os territórios geográficos das comunidades tradicionais são substituídos pelos territórios simbólicos onde são produzidas as manifestações de sentido. Neles, seus membros se reconhecem como parte de comunidades globais, independente de onde esses sentidos se manifestem e por meio das mídias compartilhadas mundialmente.

Mas a comunidade de sentido também vai se manifestar localmente, no espaço urbano, onde diversas expressões culturais dividem o mesmo cenário e onde apropriam e negociam localmente os objetos culturais veiculados mundialmente. São os grupamentos urbanos que em determinados contextos urbanos fazem apropriações específicas de acordo com a realidade local.(JANOTTI, 2003)

No caso do hip hop, além de girar em torno de música e de estilo próprios reconhecidos mundialmente, ele constrói articulações locais que dizem respeito à realidade que o contextualiza e que tem sido a força motriz de suas propostas e de seus projetos.

Em seus discursos predominam referências à periferia e aos problemas comuns a seus habitantes: miséria, violência, discriminação (cor, raça e classe social), além de uma constante promoção da auto-estima. Uma outra maneira de chamar a atenção e juntar as pessoas em torno das propostas do hip hop é por recorrer ao discurso da cor onde vai ocorrer uma referencialização constante à escravidão e à exploração do negro que atravessou os séculos até chegar em nossos dias.

Por meio de seus elementos estéticos o hip hop consegue agregar aqueles que se enxergam em suas denúncias e reivindicações. O rap, instrumento mais utilizado para fazer

essas denúncias, deixa de ser apenas uma expressão artística, para se consolidar, principalmente, como forma de protesto, de afirmação de valores, significados e etnicidade.

Assim, mesmo chegando ao mercado para ser consumido por outras classes sociais, é a periferia que predomina na sua temática porque na verdade dentre o leque de opções de identidade disponível ao jovem, o hip hop passou a ser a identidade de muitos que moram nas periferias das grandes cidades, em sua maioria, jovens negros, pobres e desempregados.

Considerações finais

As transformações ocorridas na sociedade decorrentes do processo de globalização têm levado a uma grande modificação no cenário das grandes cidades e no modo como o indivíduo passa a se colocar no mundo. A abrangência e a velocidade proporcionada pelas novas tecnologias enfraqueceram as fronteiras e colocaram em contato sociedades e culturas que passaram a estabelecer novas formas de interação. Uma interação que abre a possibilidade de um fluxo livre de informação e bens culturais.

Entretanto, mesmo que esses fluxos não se dêem de forma equitativa, o fato é que as conseqüências dessa realidade são percebidas a partir dos próprios indivíduos que substituem a essência unificada apregoada pelas grandes narrativas pelas possibilidades de contato e construção constante de novas identidades, não mais presas ao território. É uma visão pluralista do mundo na qual as pessoas, as culturas estão o tempo todo emprestando elementos umas às outras, afinal as culturas são feitas tanto de continuidade quanto de mudanças que não significam o seu fim.

A pós-modernidade, sustentada pelo aparato da globalização, passa então a comportar toda a deflagração discursiva e redefine, segundo Bhabha (2005), os próprios conceitos de culturas nacionais homogêneas. Como o suporte oferecido por essa globalização é tecnológico, será ele o responsável pelo encolhimento do planeta, introduzindo-nos, de acordo com Bhabha, ao “estranhamento inerente àquele rito de iniciação extraterritorial e intercultural” e abrindo caminho para um hibridismo cultural. (BHABHA, 2005;30)

A pretensão à identidade na sociedade contemporânea vai além das narrativas originárias e iniciais. É por isso que assistimos a novas formas de identidades, hoje não mais atreladas ao espaço geográfico, mas partilhadas em comunidades de sentido onde seus

membros se reconhecem globalmente por meio do consumo dos mesmos objetos culturais que fundam esses territórios simbólicos.

E, nesse início de século, mais do que qualquer outro segmento e graças às novas tecnologias, são os jovens que estabelecem com mais frequência essas negociações e se abrem para as identidades fragmentadas e contraditórias da pós-modernidade. Por isso se deparam com um leque de opções das quais escolhe para si aquela na qual se vê representado. Ressaltando que nenhuma opção necessariamente será definitiva.

A cidade passa a ser a vitrine de uma profusão de estilos que ali nascem e que ali convivem, não sem nenhum conflito. Mas nesses embates por legitimação, são as culturas juvenis em sua busca por diferenciação e demarcação de território que tornam visível o novo ambiente cultural urbano contemporâneo no Brasil.

O hip hop é uma delas que com seu estilo, seus gestos e sua atuação tem se tornado a identidade de muitos que durante muito tempo ficaram limitados ao território geográfico da periferia. Hoje, ele tem sido a principal forma que esses jovens têm encontrado para falar e se fazer reconhecer diante do Estado e da sociedade.

Bibliografia

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005.

CANCLINI, Nestor. Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2000.

DIÓGENES, Glória. **Cartografias da cultura da violência: gangues, galeras e o movimento hip-hop**. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 1998.

GOMES, Renato Cordeiro. Cenas urbanas: identidades em fragmentos e crise da representação. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de (orgs). **Comunicação, representação e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004, p. 201-217.

GRIFFIN, Christine. Troubled teens: managing disorders of transition and consumption. *Feminist Review*, nº 55, p. 4-21, 1997.

JANNOTI, Jeder Silveira. Mídia, cultura juvenil e rock and roll: comunidades, tribos e grupamentos urbanos. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005, p.115-128..

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

PAIVA, Raquel; **O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalização**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

PRYSTHON, Ângela. Negociações na periferia:mídia e jovens no Recife. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005, p.99-113.

SPOSITO, Marília. Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude. In: FREITAS, Maria Virgínia de, PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs). **Políticas Públicas Juventude em Pauta**. São Paulo:Cortez:Ação Educativa Assessoria Pesquisa e Informação: Fundação Friedrich Ebert, 2003, p.57 – 75.

YÚDICE, George. A Funkificação do Rio. In: HERSCHMANN, Micael. (org) **Abalando os anos 90 – funk e hip hop**. Globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p.24-49.